



CONVERSANDO SOBRE SAÚDE REPRODUTIVA E SEXUALIDADE NAS ESCOLAS

*Fernanda Silveira de Souza
José Lucas Vicentini de Oliveira Santos
Gisele Cristina Shikako
Luciana Le Sueur-Maluf
Carolina Prado de França Carvalho**

RESUMO

Este estudo visou descrever e analisar as estratégias educativas utilizadas em um projeto de Extensão Universitária, cujo objetivo foi orientar e desmistificar temas que envolvem a sexualidade, métodos contraceptivos e doenças sexualmente transmissíveis (DST). As atividades foram desenvolvidas no ano de 2014, junto a estudantes do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental II de uma Unidade Municipal de Ensino da cidade de Santos/SP. A abordagem metodológica baseou-se em rodas de conversa e oficinas com atividades lúdicas, empregando modelos didáticos quando necessário. Ao término do projeto, os estudantes responderam a um instrumento de avaliação elaborado em escala Likert, que contemplava os temas e as abordagens utilizadas, a percepção de aprendizagem dos participantes (autoavaliação) e a análise de desempenho dos extensionistas. Os dados quantitativos foram analisados através do teste não paramétrico Kruskal-Wallis e pós-teste de Dunn. As impressões pessoais, comentários e opiniões dos estudantes corresponderam à coleta de dados de natureza qualitativa. Os resultados obtidos demonstram que os participantes tiveram boa receptividade e aceitação às atividades realizadas. Temas relacionados à sexualidade, como sexo seguro, DST e gravidez na adolescência, despertaram o interesse dos jovens participantes que, de modo geral, estavam prestes a vivenciar, ou vivenciando, suas primeiras experiências sexuais. Embora, de modo geral, o projeto tenha alcançado seus objetivos, a análise estatística dos resultados indicou que, apesar do mesmo ter contribuído para a aquisição de novos conhecimentos relacionados às DST, nem sempre isso resultou em uma mudança de postura dos jovens. Esses achados reforçam a importância da execução de projetos e campanhas que trabalhem a Educação Sexual junto ao público jovem.

Palavras-chave: Saúde. Sexualidade. Adolescentes. Escola. Oficinas.

TALKING ABOUT REPRODUCTIVE HEALTH AND SEXUALITY AT SCHOOLS

ABSTRACT

This study aimed to describe and analyze educational strategies conducted in a university extension project, whose objective was to clarify issues about sexuality, contraception and sexually transmitted diseases (STD). The methodological approach was based on

* Doutorado em Biologia Celular e Estrutural (UNICAMP). Departamento de Biociências, Instituto de Saúde e Sociedade, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Santos, SP. Contato: carolliscarvalho@gmail.com.

meetings and workshops with interactive activities, using pedagogical models if necessary. The activities were developed in 2014 with students from the 8th and 9th grades of elementary education in a public school in Santos (Brazil). At the end of the project, students responded to a questionnaire prepared in a Likert scale. The survey investigated the perception of learning of the students, the performance of the extension team and evaluated the methodological approaches used. For the statistical analysis of quantitative data, the nonparametric Kruskal-Wallis test and Dunn's post-test were used. Personal impressions, comments and opinions corresponded to the collection of qualitative data. In general, we obtained a good acceptance of students in the activities. Issues related to sexuality, such as safe sex, STD and teenage pregnancy aroused the interest of the young people who, in general, were experiencing their first sexual experiences. Even though the project achieved its objectives, contributing for acquisition of new knowledge related to STD by students, the statistical analysis indicated that this knowledge did not necessarily change their behavior. These findings reinforce the importance of project proposals and campaigns related to sexual education for the youth.

Keywords: Health. Sexuality. Teenagers. School. Workshops.

HABLANDO DE SALUD Y SEXUALIDAD REPRODUCTIVA EN LAS ESCUELAS

RESUMEN

Este estudio buscó describir y analizar las estrategias educativas llevadas a cabo en un proyecto de extensión universitaria, destinada a orientar y desmitificar cuestiones relacionadas con la sexualidad, los métodos anticonceptivos, además de las infecciones de transmisión sexual (IST). Las actividades se desarrollaron en el año 2014, con los estudiantes del 8º y 9º grados de la Enseñanza Fundamental II de una escuela pública en la ciudad de Santos/SP - Brasil. El enfoque metodológico se fundamentó en mesas redondas y talleres con actividades lúdicas y interactivas, utilizando modelos didácticos siempre que era necesario. Finalizado el proyecto, los estudiantes respondieron a un cuestionario de evaluación elaborado en escala de Likert, que contemplaba los temas y los enfoques utilizados, la percepción de aprendizaje de los participantes y el desempeño de los realizadores. Al final del formulario de evaluación había un espacio designado para que los participantes describieran sus impresiones personales, así como comentaran sus opiniones. Esas opiniones correspondían a los datos cualitativos. Los datos cuantitativos se analizaron utilizando dos herramientas no paramétricas: la prueba de Kruskal-Wallis y el post-test de Dunn. Como resultado, se obtuvo una buena recepción y aceptación de los estudiantes en relación con las actividades. Los temas relacionados con la sexualidad, tales como el sexo seguro, enfermedades de transmisión sexual y el embarazo durante la adolescencia despertaron el interés de los jóvenes que, en general, estaban a punto de experimentar o estaban experimentando su primera experiencia sexual. Aunque el proyecto haya cumplido su propósito, indicando que los estudiantes adquirieron nuevos conocimientos relacionados con infecciones de transmisión sexual, los resultados estadísticos no indican, necesariamente que esos conocimientos se revirtieron en el cambio de postura de los estudiantes. Esos resultados refuerzan la importancia de la implementación de proyectos y campañas que trabajen la educación sexual con el público joven.

Palabras clave: Salud. Sexualidad. Adolescentes. Colegio. Seminario.

INTRODUÇÃO

A Organização Mundial de Saúde define sexualidade como um dos principais constituintes da vida do ser humano; englobando sexo, papéis e identidade de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é influenciada pela interação de muitos fatores, tais como: biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, éticos, jurídicos, históricos, religiosos e espirituais ([WHO, 2006](#)).

A família também exerce forte influência no processo de desenvolvimento da sexualidade. Os valores, as crenças e os comportamentos produzidos pela instituição familiar afetam inúmeros aspectos que permeiam a vida do ser humano, especialmente os sociais, morais e psicológicos ([PAYÁ, 2013](#)). Logo, pode-se dizer que a sexualidade é um tema abrangente, influenciado por diferentes aspectos que tangem a natureza humana, e historicamente atrelada a diversos tabus.

No Brasil, nas décadas de 1940 e 1950, o comportamento sexual era principalmente influenciado pelos preceitos religiosos, que reforçavam o sexo com o objetivo de procriação entre homens e mulheres dentro do casamento ([GONÇALVES et al., 2013](#)). Tentativas de tratar o tema sob outras perspectivas iniciaram-se após esse período, mas foram novamente reprimidas em 1964 com o Golpe Militar. Em 1970, com a reabertura política, iniciou-se uma mudança no comportamento sexual dos jovens. Muitos fatores influenciaram essa mudança, tais como: o movimento de liberação sexual, a popularização da pílula anticoncepcional e a preocupação com infecções sexualmente transmissíveis (IST). A partir de 1980, a educação sexual assume amplitude social, intensificando-se os debates com diversos profissionais, por meio de rodas de conversas, palestras etc. O grande enfoque das propostas educativas era a prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), principalmente a síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS, *acquired immune deficiency syndrome*) e da gravidez indesejada na adolescência ([GONÇALVES et al., 2013](#)).

Dados epidemiológicos da AIDS no Estado de São Paulo, coletados no período de 1980 a 2006 ([SÃO PAULO, 2010](#)), revelam que dos 160.397 casos notificados da doença, 6,9% deles são oriundos das notificações do Grupo de Vigilância Epidemiológica (GVE) da região de Santos (GVE Santos). Esse índice confere à região da Baixada Santista a segunda posição em número de casos notificados de AIDS no Brasil, ficando atrás apenas da capital paulista (com 40,5% do número total de casos notificados no país) e empatada com a região de Campinas (com 6,9%).

As Políticas Públicas voltadas para a Educação Sexual e Prevenção das DST intensificaram-se a partir de 1995, por meio de iniciativas conjuntas entre os Ministérios da Saúde e da Educação. Desse trabalho integrado entre os dois ministérios nasceu o “Projeto Escolas” que foi inicialmente implementado em 16 Unidades da Federação (UF) consideradas de maior importância para as epidemias relacionadas às DST, principalmente a AIDS ([BRASIL, 2006](#)). Em 2003, foi lançado o Projeto “Saúde e Prevenção nas Escolas”, com apoio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF).

Em 2005, a UNESCO realizou uma pesquisa em 135 escolas públicas (de 14 estados do país) visando avaliar a implementação do Projeto “Saúde e Prevenção nas

Escolas”, com base na percepção dos atores envolvidos. A partir da opinião de estudantes e professores, a pesquisa concluiu que essa iniciativa educacional possibilitou a ampliação dos espaços de discussão de temáticas relacionadas à Educação Sexual, tanto nas escolas como na residência dos estudantes, aumentou a adesão ao uso de preservativos pelos jovens e reduziu o número de casos de gravidez nas escolas ([BRASIL, 2006](#); [2007](#)). Esses dados reforçam a importância da proposição de projetos que trabalhem temas relacionados à Educação sexual com o público jovem, entre eles: métodos contraceptivos, prevenção de DST/AIDS e sexualidade.

Uma vez que os sistemas de ensino abrigam aproximadamente 62% de adolescentes e jovens entre 10 e 24 anos de idade ([BRASIL, 2006](#)), a instituição escolar se configura um ambiente particularmente favorável para atingir esse público. Nesse contexto foi criado o projeto de Extensão Universitária “Conversando sobre saúde e sexualidade nas escolas”, com o intuito de contribuir com as políticas nacionais de promoção da saúde reprodutiva no município de Santos, visto que a cidade ainda se encontra entre as de maior incidência de DST/AIDS no estado de São Paulo.

A motivação para a execução desse projeto de Extensão nasceu de uma atividade realizada junto aos graduandos de cursos da área da Saúde da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP, *campus* Baixada Santista), na qual os estudantes elaboram modelos pedagógicos tridimensionais sobre os temas: Morfofisiologia do Aparelho Reprodutor (masculino e feminino) e Embriologia básica. Os projetos sociais de Extensão Universitária têm caráter articulador na indissociabilidade entre Ensino e Pesquisa, e proporcionam experiências transformadoras de geração de conhecimento, tanto para os graduandos e docentes, como para o público-alvo. O diálogo e o fluxo de troca de saberes propiciado pela Extensão beneficiam a todos, uma vez que a comunidade acadêmica tem a chance de elaborar a práxis de um conhecimento acadêmico, bem como a sociedade tem a oportunidade de acesso a conhecimentos democratizados, incorporando-os à sua rede de saberes. Ademais, destaca-se o papel da Extensão Universitária para a formação dos graduandos, uma vez que a Extensão se baseia no protagonismo do estudante, que desenvolve papel central para a sua formação técnica e para a aquisição de competências requeridas para a sua própria atuação profissional e cidadã ([FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, 2001](#)).

OBJETIVOS

Este estudo visou descrever e analisar as estratégias educativas utilizadas no projeto de Extensão Universitária “Conversando sobre saúde e sexualidade”, desenvolvido junto a uma Unidade Municipal de Ensino da cidade de Santos/SP, destacando os pressupostos teóricos que o embasam, a prática e os resultados atingidos. Esse projeto visou construir fóruns de aprendizado, de atividades lúdicas e de discussões coletivas acerca da saúde reprodutiva e da sexualidade, abordando não só a importância da prevenção das DST e o uso adequado dos métodos contraceptivos, mas também os diferentes modos de viver a sexualidade. Além disso, foram objetivos desse trabalho elencar, junto a estudantes, outros temas relevantes que deveriam ser incorporados, avaliar as ações do projeto na percepção dos alunos e contribuir para a formação profissional dos extensionistas.

MÉTODO

O projeto foi elaborado por três estudantes do 4º e 5º anos do curso de Psicologia e por dois docentes da área de Histologia e Embriologia da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP, *campus* Baixada Santista), e aprovado no Edital de Bolsas vinculado à Pro-Reitoria de Extensão da mesma universidade. Os resultados apresentados a seguir correspondem à coleta de dados referentes ao 2º semestre de 2014.

Após a aprovação pela Secretaria Municipal de Educação de Santos, foi realizada a parceria entre a UNIFESP e uma Unidade Municipal de Ensino da cidade para o início das atividades. Foram cedidas seis aulas para o desenvolvimento do projeto, sendo que cada encontro teve duração de 50 minutos. As atividades foram desenvolvidas com quatro turmas, sendo três do 8º ano e uma do 9º ano do Ensino Fundamental II. Visto que os professores de Ciências já haviam abordado o tema de reprodução humana no primeiro semestre do 8º ano, as atividades do projeto auxiliaram na retomada e na complementação de conteúdos já trabalhados.

Todos os alunos participantes do projeto entregaram o termo de consentimento (assinado pelos pais ou responsáveis) e o termo de assentimento (assinado por eles mesmos), compreendendo um total de 61 alunos, sendo 57% do gênero feminino e 43% do gênero masculino. Os estudantes que não quiseram participar ou aqueles cujos pais não consentiram com a participação tiveram o tempo da aula ocupado com outra atividade, direcionada pelo professor responsável pela turma.

Alguns temas que seriam abordados, já estavam preestabelecidos no início do projeto. No entanto, no primeiro encontro com os alunos, foi proposta uma discussão geral na qual surgiram dúvidas e sugestões. Pediu-se então que todos colocassem em uma urna suas questões, demandas e comentários, de forma anônima. Todos os temas propostos pelos estudantes, assim como suas dúvidas, foram incorporados ao projeto (Tabela 1).

Tabela 1. Temas desenvolvidos ao longo do Projeto.

Temas preestabelecidos	Temas/dúvidas propostos pelos alunos
• Métodos contraceptivos	• Prazer (Ex: “É verdade que quando o homem usa camisinha ele não sente tanto prazer como quando não usa?”)
• Doenças sexualmente transmissíveis	• Virgindade (Ex: “Como se relaxa na primeira vez para não doer?”)
• Identidade de gênero	• Anatomia (Ex: “Tem como uma pessoa nascer com o órgão no lugar errado?”)
• Orientações sexuais	• Aborto (Ex: “Queria saber só como a mulher tira um filho?”)
	• Estupro/Violência (Ex: “Porque o homem é muito bruto com as mulheres?”)

É importante salientar que as demandas nem sempre foram iguais entre as turmas, de modo que as rodas de conversa e oficinas oferecidas não foram obrigatoriamente as mesmas (Figura 1).

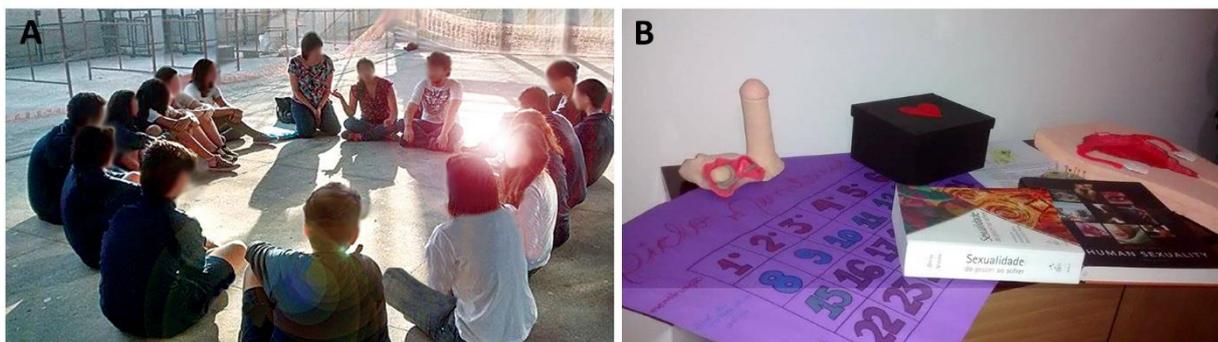


Figura 1. Em A, roda de conversa com os estudantes¹; Em B, materiais didáticos utilizados durante as oficinas.

A seguir, serão descritas as atividades realizadas, algumas inspiradas na cartilha “Sexualidades e saúde reprodutiva” disponível no acesso “Adolescentes e jovens para a educação entre pares - Saúde e prevenção nas escolas” ([BRASIL, 2010](#); [2011](#)), com modificações.

Oficina do Concordo/Não Concordo

Objetivo: Iniciar discussões e questionamentos sobre a sexualidade, além de desconstruir mitos.

Metodologia: Foi entregue a cada participante três pedaços de cartolina: um verde, um vermelho e um amarelo, cada cor representando, respectivamente: “concordo”, “não concordo” e “tenho dúvidas”. Em seguida, foram ditas frases previamente elaboradas pelos extensionistas e os participantes tinham que levantar os cartões que contemplassem a sua opinião. Após esse procedimento, iniciava-se a discussão e propunha-se aos alunos que defendessem e discutissem as suas opiniões. Repetia-se o procedimento até que as frases acabassem.

Foram escolhidas algumas frases polêmicas, que enriqueceram a discussão e abriram oportunidades para novos debates ao longo das oficinas. A realização dessa oficina no início das atividades permitiu que os extensionistas pudessem avaliar o nível de conhecimento de cada turma. Exemplos de frases escolhidas:

“Se a outra pessoa for virgem, ela não pode passar nenhuma doença para seu parceiro sexual”;

“Se a menina ainda não menstruou, ela não pode engravidar”;

“Na primeira relação sexual entre um homem e uma mulher, a mulher sempre sente dor”;

“Se o homem interrompe a relação sexual antes de ejacular, a mulher não pode ficar grávida”;

“Apareceram algumas bolinhas na genitália da pessoa, mas um tempo depois essas bolinhas sumiram. Logo, a doença foi embora”.

¹ Todos os participantes entregaram o termo de consentimento e assentimento indicando a autorização para divulgação dos resultados produzidos no estudo, conforme padrões profissionais de sigilo de identidade.

Cadeia de transmissão

Objetivo: Esclarecer como ocorre a disseminação das doenças sexualmente transmissíveis de maneira lúdica e concreta.

Metodologia: Cada aluno recebia uma folha com um número escrito (os números eram todos diferentes entre si). Em seguida os estudantes foram orientados a andar pelo espaço e, ao esbarrar em alguém, deveriam anotar em sua folha o número das pessoas nas quais esbarravam, na ordem em que os encontros ocorriam. Depois de um tempo, encerrava-se a atividade e os extensionistas expunham que os “esbarrões” representavam uma relação sexual sem camisinha. Posteriormente, pedia-se que o número 1 viesse à frente e revelasse para todos que ele estava o tempo todo infectado com uma DST. Assim, todos que tivessem o número 1 anotado em sua folha deveriam vir para frente, pois ele(a)s também estavam contaminado(a)s. Em seguida, todos aqueles que esbarraram em quem havia se “relacionado” com o número 1 também deveriam vir para a frente da sala, pois estavam igualmente infectados, caso a relação tivesse ocorrido após o contato com o número 1. Dessa forma, continuava-se até que a cadeia acabasse. Ao final da atividade, discutia-se a importância do uso da camisinha como o único método de proteção individual contra as DST.

Negociação do uso do preservativo

Objetivo: Discutir sobre o uso do preservativo e alguns dos motivos mais apontados pelas pessoas para rejeitarem o uso da camisinha. Apresentar argumentos que possam confrontar ou desmistificar essa conduta.

Metodologia: Antes da atividade, os instrutores listavam algumas das razões mais comuns utilizadas para argumentar que o preservativo não deve ser usado na relação sexual, tais como: a camisinha aperta; sente-se menos prazer com a camisinha; ninguém está doente, não precisa de camisinha; “você não confia em mim?”; eu sou alérgico, não posso colocar.

Durante a atividade pedia-se para que todos sentassem em roda e escolhessem um objeto que fosse de fácil manuseio. A atividade era semelhante à brincadeira “batata-quente”, utilizando músicas e a regra de passar a “batata” (objeto escolhido) para o amigo ao lado. A principal diferença com relação à brincadeira original é que quando a música parava a pessoa que tivesse segurando o objeto tinha que elaborar uma resposta para uma das frases previamente apresentadas acima. Após breve discussão com o grupo sobre a resposta elaborada, a brincadeira recomeçava até que as frases terminassem.

Construção da tabela de gênero e orientações

Objetivos: Esclarecer que gênero é diferente de orientação sexual, quais são os diferentes modos de sexualidade e abrir a discussão sobre os modos de discriminação e preconceitos.

Metodologia: Foram feitos recortes de papéis com as denominações que seriam trabalhadas durante a oficina (Ex: Heterossexual, Homossexual, Assexual, Transexual, Travesti, *Drag queen*). Estes foram distribuídos aos participantes, acompanhado do pedido para que pensassem sobre o que eles sabiam em relação ao tema. Em uma lousa (ou cartolina grande) foram escritas as categorias da primeira linha horizontal da tabela

abaixo (Tabela 2). Em seguida, perguntou-se o que estava escrito nos papéis que foram entregues e junto dos participantes começou-se a construir a tabela, esclarecendo dúvidas e procurando desfazer preconceitos.

Tabela 2. Conceito de gênero e orientações

Sexo Biológico	Identidade de Gênero	Atração por:	Orientação sexual
Masculino	Masculino	Mulheres	Heterossexual
Feminino	Feminino	Homens	Heterossexual
Masculino	Masculino	Homens	Homossexual
Feminino	Feminino	Mulheres	Homossexual
Masculino	Masculino	Homens e Mulheres	Bissexual
Feminino	Feminino	Homens e mulheres	Bissexual
Masculino	Feminino	Homens	Heterossexual
Feminino	Masculino	Mulheres	Heterossexual
Masculino	Feminino	Mulheres	Homossexual
Feminino	Masculino	Homens	Homossexual
Masculino	Feminino	Homens e Mulheres	Bissexual
Feminino	Masculino	Homens e Mulheres	Bissexual

Continue a história

Objetivos: Problematizar, discutir e esclarecer dúvidas.

Metodologia: Antes do início da atividade, foram criadas histórias referentes aos temas que seriam trabalhados. As histórias possuíam finais em aberto, para que os participantes pudessem terminar do modo como desejassem. Os estudantes foram divididos em subgrupos e cada grupo teve que propor um final para a narrativa. Ao final da atividade, todas as histórias foram lidas e discutidas uma a uma. Exemplos de histórias:

“Eu e Sara somos amigas desde sempre, ultimamente ela começou a agir de um jeito estranho, então um dia eu conversei com ela e ela falou que o seu tio tem passado a mão nela. Ela contou estar com medo porque ele disse que se ela contasse para alguém a expulsariam de casa! Depois de ouvir toda essa história eu...”

“Bianca é uma garota muito inteligente, e mesmo com apenas 13 anos ela tem muitos planos. Quando ela conheceu Caio, ela sentiu que, finalmente, encontrou o amor de sua vida. Os dois começaram a namorar e um dia Caio disse que queria muito transar com ela, Bianca diz que ainda não tem certeza se está preparada. Então Caio...”

“Minha menstruação está atrasada há dois meses, então eu fiz o teste de gravidez e deu positivo. Eu e Eduardo, meu namorado, nos amamos muito, estamos juntos desde o nono ano, já faz um ano e três meses. O Edu disse que conhece uma moça que sabe tirar isso de mim. Depois de pensar muito eu decidi...”

“Eu e meu irmão sempre fomos muito unidos, jogávamos bola o tempo todo quando éramos crianças. Mas há alguns dias meu irmão ficou com outro garoto e agora tem muita gente zuando e brigando com ele por causa disso. Então eu...”

O bom e o ruim de engravidar

Objetivo: Conversar sobre as repercussões de uma gravidez e fomentar uma reflexão sobre o futuro, suas possibilidades e as consequências das escolhas.

Metodologia: Os participantes foram divididos em dois grupos. Um dos grupos ficou responsável por todos os pontos positivos que uma gravidez traz, o outro grupo se responsabilizou pelos pontos negativos. Após alguns minutos de preparação ocorreu o debate e a discussão.

Áreas de prazer

Objetivo: Conversar sobre os aspectos positivos da sexualidade, refletir sobre as diversas formas que o prazer ocupa e discutir sobre seus limites.

Metodologia: Foram previamente impressas folhas contendo silhuetas do corpo humano completo, tanto feminino, quanto masculino. Os participantes foram separados em pequenos grupos e lhes foram entregues as respectivas folhas. Em seguida, pediu-se aos estudantes que marcassem quais as regiões que eles acreditavam serem as responsáveis pelo prazer sexual. Após todos terminarem, começou a discussão quanto aos lugares que foram marcados e uma reflexão sobre prazer.

No último encontro, os estudantes responderam a um instrumento de avaliação, que contemplava questões acerca dos temas e abordagens utilizadas, a percepção de aprendizagem dos participantes e o desempenho dos extensionistas. O questionário foi elaborado no formato de escala Likert de 1 a 5, onde os alunos deveriam indicar o grau de concordância com as assertivas apresentadas, sendo: (1) discordo plenamente; (2) discordo; (3) não tenho opinião; (4) concordo; e, (5) concordo plenamente.

Ao final desse instrumento de avaliação, havia um espaço para os estudantes expressarem opiniões e sugestões adicionais. Para a análise estatística dos resultados quantitativos entre questões relacionadas foi aplicado o teste não paramétrico de Kruskal-Wallis e pós-teste de Dunn. As impressões pessoais que emergiram como mais frequentes na sessão aberta da avaliação foram agrupadas em categorias e corresponderam à coleta de dados de natureza qualitativa.

RESULTADOS

Em nossa percepção, o projeto foi muito bem avaliado pelos estudantes. Estes colaboraram na execução das atividades e auxiliaram a elaborar temas que foram posteriormente abordados. Demonstraram participação ativa nas atividades, alcançando o objetivo de aprofundar o conhecimento e a discussão acerca de saúde reprodutiva e sexualidade. Temas, como sexo seguro, DST e gravidez na adolescência, despertaram o interesse dos jovens participantes que, de modo geral, estavam prestes a vivenciar ou vivenciando suas primeiras experiências sexuais. Alguns assuntos considerados polêmicos foram abordados durante as oficinas, tais como: o preconceito com a população LGBTT e o abuso sexual, com ampla participação dos estudantes.

Com relação à assiduidade, os alunos do 8º ano não puderam comparecer a todas as atividades propostas, por conta de entraves contextuais, como a utilização da escola para o ENEM, reunião dos professores e feriados. Já a maioria dos estudantes do 9º ano participou de todas as atividades. Além disso, pôde-se notar que estes eram mais maduros e demandavam debates acerca de importantes temas relacionados à cidadania e direitos, como aborto, violência sexual, entre outros. Levando em consideração as

diferenças entre os anos, a tabulação das respostas obtidas na avaliação quantitativa foi separada, conforme apresentado na Tabela 3.

Tabela 3. Impressões dos estudantes acerca do projeto (avaliação quantitativa). Legenda: Q, questão; N, número de indivíduos respondentes. A média foi calculada com base nos 5 pontos da escala Likert, onde: 1 = discordo plenamente, 2 = discordo, 3 = não tenho opinião, 4 = concordo, e 5 = concordo plenamente. O valor de P foi calculado após realização do teste Kruskal-Wallis de múltiplas comparações e pós-teste de Dunn.

	Assertiva	8º Ano				9º Ano			
		N	Média± DP	Mediana	Valor de P	N	Média± DP	Mediana	Valor de P
Q1	Com o projeto Saúde e Sexualidade adquiri novos conhecimentos relacionados a DST	49	4,28 (± 0,68)	4	<0,01 (Q1 vs Q5)	12	4,92 (± 0,29)	5	<0,05 (Q1 vs Q5)
Q2	Com o projeto adquiri novos conhecimentos relacionados à sexualidade	49	4,00 (±0,97)	4		12	4,17 (± 0,83)	4	
Q3	Com o projeto consegui conhecer/aprofundar questões de gênero e orientação sexual	49	3,92 (±0,95)	4		12	4,42 (± 0,67)	4,5	
Q4	Acredito que os conhecimentos aprendidos são importantes e aplicáveis a vida cotidiana	49	4,45 (±0,71)	5		12	4,33 (± 0,49)	4	
Q5	Acredito que a minha postura frente às DST mudou depois do projeto	47	3,36 (±1,15)	4	<0,01 (Q5 vs Q1)	12	3,92 (±0,90)	4	<0,05 (Q5 vs Q1)
Q6	Após o projeto repensei a importância de práticas sexuais seguras	48	3,79 (±0,92)	4		12	4,33 (±0,78)	4,5	
Q7	Meus conhecimentos sobre métodos contraceptivos e gravidez não planejada mudaram	48	3,44 (±1,16)	3,5		12	4,33 (±0,65)	4	
Q8	Os instrutores falavam de forma clara	43	4,49 (±0,55)	5		12	4,50 (±0,52)	4,5	
Q9	O projeto agradou	43	4,16 (±0,75)	4		12	4,42 (±0,51)	4	
Q10	Os exemplos foram interessantes e me ajudaram a compreender	43	4,05 (±0,90)	4		12	4,42 (±0,67)	4,5	
Q11	Atividades realizadas agradaram	43	4,05 (±0,69)	4		12	4,33 (±0,65)	4	
Q12	As atividades ajudaram a entender anatomia e funcionamento	43	4,07 (±0,80)	4		12	4,17 (±0,58)	4	

De forma geral, os resultados quantitativos corroboraram a percepção da equipe proponente de que o projeto foi bem avaliado, uma vez que a mediana ficou em torno de quatro (concordo) para quase a totalidade das questões do instrumento de avaliação.

Chamou-nos atenção a significância estatística entre as assertivas 1 e 5, encontrada tanto no 8º ano, quanto no 9º ano. Os resultados indicam que o projeto permitiu que os estudantes adquirissem novos conhecimentos relacionados às doenças sexualmente transmissíveis, embora a aquisição desses conhecimentos não necessariamente tenha mudado a postura destes em relação às DST. Esses achados sugerem duas hipóteses: a) que os alunos, mesmo com as novas informações, continuarão adotando uma postura irreverente, como não usar a camisinha ou não fazer os exames pertinentes; ou b) que os estudantes já adotavam uma postura consciente em relação às DST, de modo que os novos conhecimentos apenas reforçaram uma postura já existente. Poucos alunos justificaram sua resposta em relação a este quesito. No entanto, entre os depoimentos apresentados, grande parte seguiu a seguinte linha de pensamento: *“Eu já conhecia algumas doenças e sabia de sua gravidade”*. Relatos como este reforçam a segunda hipótese, embora o número reduzido de depoimentos não nos permita fazer generalizações com relação ao posicionamento dos estudantes.

A análise qualitativa, realizada a partir dos comentários relatados na seção aberta do instrumento de avaliação, foram concordantes com a avaliação objetiva, conforme ilustrado no depoimento: *“Esclareci minhas dúvidas e tudo foi dito de forma clara e participativa”*.

Alguns depoimentos corroboraram ainda a percepção de que o projeto cumpriu seu objetivo, como por exemplo, em relação à questão referente a mudanças nos conhecimentos sobre os métodos contraceptivos e gravidez indesejada. Algumas respostas encontradas foram:

“Meus conhecimentos mudaram, pois parei para pensar o quanto seria ruim ter uma gravidez não planejada. Quando eu tiver um filho, quero ter e proporcionar coisas boas para mim e para o meu filho”; *“Aprendi que se não quiser fazer filho preciso usar camisinha e tomar pílula”*.

Quando perguntado qual atividade mais apreciaram, as mais votadas foram: Concordo/Não Concordo; Cadeia de Transmissão e Áreas do prazer.

Com relação à contribuição do projeto para a formação dos extensionistas, este se configurou como importante campo formativo, no qual a relação com os estudantes permitiu uma troca de conhecimentos que enriqueceu a maneira como se aplica uma atividade. Seguem alguns relatos dos extensionistas sobre a experiência para a formação profissional:

“Poder trabalhar com uma população tão singular e com temas tão importantes enriqueceu muito a experiência, e acredito que melhorou a minha desenvoltura como profissional da saúde” (Estudante de Psicologia, extensionista do projeto).

“Acredito que realizar esse trabalho de atuação e pesquisa, construindo uma forma de se trabalhar em campo, traz para o estudante universitário um lampejo de realidade acerca de como a relação no campo é horizontal e dinâmica. No campo, o inesperado acontece e você tem de ter jogo de cintura, uma malícia e uma atenção que, na sala de aula, você só ouve falar que é necessária. Ouvimos dos professores diversas histórias de acontecimentos em campo, mas, quando estamos ali, vemos o que é que está em jogo,

qual impacto nossa ação pode causar. Você percebe no olhar das pessoas, nas brincadeiras e curiosidade, a vontade de trocar e de fazer algo diferente, de construir outro tipo de diálogo e uma relação diferente da aluno-professor. É aí que você nota que você, que ocupa uma posição ambígua de estudante e 'professor', pode se permitir ter um diálogo mais próximo com essas pessoas e desenvolver uma sensibilidade que te permite realmente ouvi-las e pensar em formas de trabalhar essa demanda” (Estudante de Psicologia, extensionista do projeto).

“A extensão me ajudou a aprimorar as habilidades de desenvolver temas em grupos, me possibilitou criar espaços de diálogos em uma instituição normalmente fechada a este tipo de conversa, a escola, de forma a permitir que interagíssemos e desconstruíssemos pensamentos solidificados” (Estudante de Psicologia, extensionista do projeto).

DISCUSSÃO

Nesse projeto partimos do conceito de [Simonetti \(2005\)](#) sobre educação sexual, o qual entende a educação como um processo de intervenção, cujo foco não reside somente na informação, mas também em uma reflexão sobre o tema.

Apesar da sexualidade atualmente ser um assunto abordado de maneira mais aberta, muitas crenças e valores continuam fixados ([CARELLI, 2013](#)), acarretando conflitos, dúvidas e mal-entendidos. Portanto, durante a execução do projeto foi muito importante disponibilizar meios de comunicação individuais e anônimos. Notou-se que os alunos se sentiram mais à vontade em sanar suas dúvidas de maneira escrita e anônima ao invés de se expressarem mais abertamente em uma roda de conversa. Assim, acreditamos que a estratégia de criar uma conta de e-mail e/ou disponibilizar uma urna para que os alunos depositem suas perguntas de forma mais reservada seja crucial para que eles se manifestem de forma mais confortável.

As vias de comunicação facilitadas com os estudantes foram fundamentais, não só para que as dúvidas e questões fossem sanadas, mas também para disponibilizar ao aluno um espaço de confiança, possibilitando que ele se sinta seguro para falar de qualquer situação que esteja acontecendo ou tenha acontecido. É importante que os extensionistas ou facilitadores das oficinas tenham um olhar e uma escuta atenta, pois é possível que se encontre adolescentes que vivam ou tenham vivido abuso, ou até mesmo convivam com pessoas próximas que enfrentem essa realidade. É importante nesses casos orientar, tanto o adolescente, quanto a família e a escola e, nos casos pertinentes, acionar as competências legais. Durante o desenvolvimento do projeto, a equipe não se deparou com uma situação concreta em que casos de abuso tenham sido confirmados. No entanto, como uma dúvida sobre essa temática apareceu de forma anônima, o grupo discutiu com os estudantes essa questão, assim como quais encaminhamentos deveriam ser adotados nesses casos.

No ensino fundamental e médio, os temas relacionados a esse projeto são normalmente abordados por professores de Ciências e Biologia. No entanto, as questões relacionadas à Biologia da Reprodução, à Saúde Sexual e Sexualidade não se esgotam na área biológica. Questões relativas à Sexualidade e identidade de gênero, tais como: estigmas, preconceitos e direitos, são normalmente trabalhadas pelo campo de conhecimento das Humanidades. Nesse contexto, se faz necessário aproximar essas áreas (Biológicas e Humanas) e aprofundar essas questões cada vez mais vivenciadas nas escolas dentro da formação dos professores de Ensino Fundamental e Médio.

Com relação à dinâmica adotada no projeto, percebemos que envolver o aluno no processo de criação, afastando-se do modelo tradicional de aprendizado, favoreceu a participação e o entendimento dos temas propostos. Acreditamos ter estimulado a não transmissão de mensagens fechadas e inquestionáveis. A dinâmica adotada se baseou em um regime de co-criação com os estudantes, onde o saber e a construção do conhecimento foram prospectados em franca interatividade, de forma lúdica e saudável. Este pensamento vai ao encontro do preconizado por [Moraes \(2011\)](#), o qual expõe em sua obra "Paradigma Educacional Emergente" que o educador deve encorajar as diferentes formas de diálogo e catalisar a intercomunicação existente entre elas, procurando explorar diversas alternativas e visões, bem como as múltiplas perspectivas que surgem nos diversos momentos do processo de construção do conhecimento.

Nesse contexto, ressaltamos também a obra "Sala de Aula Interativa", do autor [Silva \(2010\)](#), o qual defende que o processo de construção do conhecimento deve ser centrado na interatividade, todos-com-todos, cabendo ao educador: disponibilizar uma rede de possibilidades para exploração através de mensagens abertas, e não fechadas; estimular falas, olhares, escutas e relacionamentos; além de incentivar a criação e a expressão de opiniões contrárias, em clima de mútuo respeito e afetividade. Dessa forma, partimos de uma abordagem que procurou afastamento da lógica da educação formal, criando alianças com a educação não formal, que preconiza um processo voltado para os interesses e necessidades dos participantes, visando capacitar os indivíduos a tornarem-se cidadãos do mundo e no mundo ([GOHN, 2006](#)).

Durante todas as atividades foi importante sempre ter o controle do tempo, procurando iniciar discussões polêmicas em momentos que houvesse tempo suficiente para sanar as dúvidas e desenvolver uma discussão com qualidade acerca do tema. As atividades que geraram os debates mais conturbados foram "Construção da tabela de gênero e orientações" e "Continue a história". Durante as discussões mais polêmicas procurou-se sempre desenvolver um pensamento crítico em relação aos temas, incitando os estudantes a pensarem por si, ao invés de reproduzir lógicas hegemônicas sem deliberar sobre elas. Ao longo dessas discussões, buscou-se sempre desconstruir os discursos/attitudes de ódio e enfatizar a importância do respeito e dos direitos humanos. Infelizmente, a intervenção não supriu todas as demandas, apenas iniciou debates para que a temática fosse desmistificada e deixasse de ser considerada tabu.

Por fim, ressaltamos a enriquecedora experiência que o projeto trouxe a toda equipe e, em especial, aos extensionistas. Sua execução possibilitou aprofundar o conhecimento em relação ao tema Saúde e Sexualidade, além de permitir a experiência da inversão de papéis, uma vez que estes deixaram de ocupar a posição de alunos (de graduação), e passaram a vivenciar a responsabilidade de ensinar e construir debates de maneira colaborativa.

O projeto desenvolvido na escola contribuiu, também, para o desenvolvimento da escuta qualificada para as questões e demandas que os alunos poderiam ter em relação à própria sexualidade. Essa fase é cheia de tabus e propensa à retenção de sentimento de culpa e vergonha, que podem causar sofrimento, se não trabalhados de maneira educativa e isenta de julgamentos. A descontração e a visão da psicologia sobre o tema contribuíram para que as oficinas ocorressem de maneira leve e sem floreios, no sentido de promover uma relação saudável com o tema, proporcionando maior segurança aos alunos. Os extensionistas puderam, portanto, desconstruir e trabalhar os assuntos que poderiam ser geradores de confusão e sofrimento para os alunos, promovendo a saúde e aperfeiçoando o trabalho do profissional de saúde.

CONCLUSÃO

O desenvolvimento desse projeto contribuiu para o reconhecimento da importância de conhecer e discutir os elementos que cercam a sexualidade, além de ter possibilitado a mudança de postura da maioria dos participantes em relação ao tema. É importante destacar que a metodologia dinâmica e o envolvimento dos estudantes na escolha dos temas abordados foram cruciais para despertar o interesse dos jovens pelo projeto. Os resultados e as experiências aqui apresentados reforçam a importância de projetos e campanhas que trabalhem a Educação Sexual com o público jovem.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a cooperação da Secretaria Municipal de Educação de Santos pelo apoio e indicação da Escola Municipal, bem como a receptividade da coordenação, professores e alunos. Por fim, os autores expressam sua gratidão à Pró-reitoria de Extensão da UNIFESP pela oportunidade de execução desse projeto.

SUBMETIDO EM 18 mar. 2016

ACEITO EM 13 dez. 2016

REFERÊNCIAS

[BRASIL](#). Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e AIDS. **Diretrizes para implantação do Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas**. – Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

_____. Ministério da Saúde; ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA – UNESCO; FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA – UNICEF. **Pesquisa “Saúde e Educação: cenários para a cultura de prevenção nas escolas”**: briefing. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Adolescentes e jovens para a educação entre pares**: – saúde e prevenção nas escolas. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/publicacao/adolescentes-e-jovens-para-educacao-entre-pares-spe>>. Acesso em: 24 ago. 2015.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Adolescentes e jovens para a educação entre pares: sexualidades e saúde reprodutiva**. Brasília: Ministério da Saúde, 2011.

[FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS \(FORPROEX\)](#). **Plano Nacional de Extensão Universitária**. Ilhéus: Editus, 2001. (Coleção Extensão Universitária, v. 1). Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/renex/index.php?option=com_content&view=article&id=45&Itemid=20>. Acesso em: 9 set. 2016.

[CARELLI, A.](#) Sexualidade do passado ao presente. In: DIEHL, A.; VIEIRA, D. (Org.). **Sexualidade**: do prazer ao sofrer. São Paulo: Roca, 2013. p. 1-38.

[GOHN, M. G.](#) Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio**: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, 2006.

[GONÇALVES, C.](#) et al. Infecções sexualmente transmissíveis. In: DIEHL, A.; VIEIRA, D. (Org.). **Sexualidade**: do prazer ao sofrer. São Paulo: Roca, 2013. p. 337-372.

[MORAES, M. C.](#) **Paradigma educacional emergente**. 13. ed. Campinas: Papyrus, 2011.

[PAYÁ, R.](#) Família e sexualidade. In: DIEHL, A.; VIEIRA, D. (Org.). **Sexualidade**: do prazer ao sofrer. São Paulo: Roca, 2013. p. 563-584.

[SILVA, M.](#) **Sala de aula interativa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Loyola, 2010.

[SIMONETTI, V.](#) (Org.). **Sexo e sexualidade sem mistérios**. São Paulo: Educacional, 2005.

[SÃO PAULO \(Estado\)](#). Secretaria Estadual de Saúde. **Dados para repensar a Aids no Estado de São Paulo**: resultados da parceria entre Programa Estadual DST/Aids e Fundação Seade. São Paulo: Fundação Seade, 2010.

[WORLD HEALTH ORGANIZATION \(WHO\)](#). **Sexual and reproductive health**. Geneva: WHO, 2006. Disponível em: <http://www.who.int/reproductivehealth/topics/sexual_health/sh_definitions/en/#>. Acesso em: 8 jan. 2015